

METÁFORAS VISUAIS EM TEXTOS MULTIMODAIS: ANÁLISE DE TEXTOS DE PROVAS DO ENEM

Joanny Daniele do Lago Costa Bento¹

Francisca Cordelia Oliveira da Silva²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de conceituar a multimodalidade textual e a metáfora à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC), das teorias da Gramática Visual e dos conceitos de Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002). Também tem o propósito de definir metáforas visuais, a partir dos conceitos de Vieira (2007), e analisá-las em textos utilizados em provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Para tanto, são considerados os pressupostos teóricos sobre textos visuais, desenvolvidos por Kress e van Leeuwen (2005), bem como os pressupostos da Análise do Discurso Crítica (VIEIRA e FERRAZ, 2001; VIEIRA, 2007), para analisar quatro textos das provas de Códigos e Linguagens do Enem de 2013 e 2014. A análise desses textos multimodais, segundo a classificação de Lakoff e Johnson (2012), demonstra que as metáforas orientacionais, estruturais e ontológicas são encontradas nos textos verbais e multimodais, tanto na parte verbal quanto na não verbal.

Palavras-chave: Análise do Discurso Crítica. Multimodalidade. Metáforas Visuais. Exame Nacional do Ensino Médio.

Abstract: This work aims to conceptualize – through the critical discourse analysis framework, Kress and van Leeuwen's theories of visual grammar and concepts of conceptual metaphor by Lakoff and Johnson (2002) – the textual multimodality and metaphor. It also has the purpose of defining visual metaphors from the concepts by Vieira (2007), and analyze them in texts used in the High School National Exam in Brazil. Theoretical assumptions of visual texts developed by Kress and van Leeuwen (2005) are considered, as well as theoretical assumptions of critical discourse analysis (VIEIRA AND FERRAZ, 2001; VIEIRA, 2007), to analyze four texts of the High School National Exam in Brazil in 2013 and 2014. Adopting Lakoff and Johnson (2012) classification, our analysis of texts shows that orientational, structural and ontological metaphors are found in verbal and multimodal texts, both in the verbal and nonverbal part of the text.

Keywords: Critical discourse analysis. Multimodality. Visual metaphors. The High School National Exam in Brazil.

1 Introdução

Este artigo propõe o estudo de metáforas visuais a partir da análise crítica de textos multimodais utilizados em provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)

¹ Mestranda em Linguística na área de concentração Linguagem e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

² Professora Adjunta e coordenadora geral do curso da Licenciatura em Letras EaD da Universidade de Brasília.

aplicadas em 2013 e 2014, tomando como aporte teórico a Análise do Discurso Crítica (ADC) e como base complementar os conceitos de metáfora conceptual desenvolvidos por Lakoff e Johnson na obra *Metáforas da vida cotidiana* (2012). Para desenvolver a análise das metáforas visuais, faz-se necessário conceituar multimodalidade textual e metáfora para chegar ao que entendemos como metáfora visual.

Este tema foi escolhido pela proeminência das metáforas visuais nos textos que circulam na sociedade atualmente e também pela escolha recorrente deles para compor avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio. Com isso, elas estão presentes em contextos diversos (seja em construções monomodais, seja em multimodais). Sobre a comunicação verbal ou por meio de imagens, Kress e van Leeuwen (1996, p. 3) relatam que:

Os significados que podem ser expressos pela língua e pela comunicação visual demonstram que certas coisas podem ser expressas verbalmente e visualmente. Outras podem ser ditas, apenas, visualmente, e outras, somente, verbalmente.

Assim, considerando esse entrelaçamento de usos dos recursos verbais e dos visuais para a construção das mensagens, a comunicação visual e as metáforas estão cada vez mais presentes nas práticas textuais e discursivas e, com isso, verificou-se também sua presença em avaliações de habilidades de leitura, como as que ocorrem nas provas do Enem.

Importa ressaltar que, quando nos referimos a textos multimodais em nosso título, estamos utilizando um conceito amplo de texto, modernamente adotado nos estudos do discurso (em especial pela Análise de Discurso Crítica – ADC) e da multimodalidade, campos nos quais o texto é entendido em suas várias acepções. Assim, consideramos que palavra é texto e imagem é texto. Em nossa análise, selecionamos, do caderno de Códigos e Linguagens de provas aplicadas no Enem de 2013 e 2014, quatro exemplos de textos multimodais, que incluem: charge, cartaz e texto publicitário, aqui usados para evidenciar a construção e a leitura das metáforas visuais. A seleção dos

textos baseou-se em análise prévia para detectar a presença de metáforas visuais, tomando como base provas mais recentemente aplicadas, para, com isso, preservar a atualidade dos textos.

2 Metáforas: o que são?

Utilizamos como princípio norteador para os estudos sobre metáforas as obras de Lakoff e Johnson (2012), que se baseiam no pressuposto de que as metáforas representam a linguagem cotidiana, formando uma rede complexa e interrelacionada tanto nas criações novas quanto nas antigas. Segundo os autores (2012, p. 12), “[a] existência dessa rede complexa afeta as representações internas, a visão de mundo que os falantes têm”. Os estudiosos apresentam três tipos de categorias de metáforas conceituais: *orientacionais*, *ontológicas* e *estruturais*. Antes, porém, de detalhar a proposta de Lakoff e Johnson (2012), abordamos, brevemente, o conceito tradicional de metáforas.

A definição clássica de metáfora (ou símile) a considera a partir do uso de palavras fora do significado convencional para expressar outro significado com sentido comparativo. Garcia (1976, p. 78) explica que:

Encarando a metáfora de um ponto de vista puramente formal, com propósito didático, podemos dizer que ela é, em essência, uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (como, tal qual, tal como) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja parecer, semelhar, assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de ou um equivalente desses. Assim, “seus olhos são como (parecem, assemelham-se a, dão a impressão de) duas esmeraldas” é uma comparação ou símile.

Sobre o conceito tradicional de metáfora, Garcia (1976, p. 78) complementa, caracterizando a motivação da metáfora como decorrente da “[...] pobreza relativa de vocabulário disponível em contraste com a riqueza e a numerosidade das ideias a

transmitir e, ainda, o prazer estético da caracterização pitoresca”. O autor apresenta a metáfora como uma figura de significação que consiste em comparar uma coisa com a outra tomando como base suas características semelhantes.

Ainda sobre o conceito de metáfora, Azeredo (2010, p. 484) afirma que esse fenômeno linguístico “[...] é um ‘princípio onipresente da linguagem’, pois é um meio de nomear um conceito de um dado domínio de conhecimento pelo emprego de uma palavra usual em outro domínio”. Nesse sentido, o autor atribui à metáfora um recurso de economia lexical, mas com um potencial expressivo, muitas vezes, surpreendente. Em resumo, Azeredo (2010, p. 485) afirma que:

A metáfora resulta de uma operação substitutiva; a associação semântica se articula no eixo paradigmático. Trata-se de um processo que envolve termos de domínios conceptuais distintos, entre os quais promove uma assimilação mental. A eficiência do seu efeito de sentido está atrelada à intensidade dessa assimilação.

Para melhor ilustrar sua compreensão do conceito, Azeredo (2010, p. 484-485) apresenta alguns exemplos. Com os excertos (1), (2) e (3), o pesquisador ilustra a forma como a metáfora se materializa em textos:

(1) “A Noite é uma enorme *Esfinge de granito negro/ Lá fora*”;

(2) “O sol vinha *esgarçando* devagar o *véu* de bruma que cobria as serras tranquilas”; e

(3) “Na *parede* da memória/ Essa lembrança é o *quadro* que dói mais”,

Como aplica o conceito ao texto verbal escrito, esse pesquisador recorre à fonte mais tradicionalmente utilizada para ilustrar os recursos expressivos da linguagem: a literatura.

É importante salientar que, na compreensão tradicional de metáfora, ela se aplica normalmente a textos escritos e muito comumente é estudada apenas no texto literário. Isso se evidencia na forma como Azeredo (2010) e como Garcia (1976) apresentam e ilustram o conceito.

Ao abordar o conceito de metáforas, Vieira (2010, p. 52), na perspectiva de analista de discurso crítica, parte de um questionamento "Afinal, existem metáforas visuais?" e nos dá um resumo ao registrar que:

A discussão sobre metáforas precede a Aristóteles, que a definiu como a transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, por meio da analogia. [...] Estudiosos da teoria literária costumavam descrever a metáfora como uma comparação implícita em que ocorre o apagamento do elo de similaridade. Novo olhar é lançado sobre a metáfora no século XX, mudando o rumo dos estudos aristotélicos. Desde então, abandona-se a orientação retórica. Por essa razão, desfrutamos hoje de uma multiplicidade de enfoques para investigar a metáfora. Destacamos, entre eles, o estruturalista, o cognitivo, o pragmático e o discursivo crítico.

De acordo com Vieira (2010 p. 52 - 54), pesquisadora da Universidade de Brasília, os enfoques de estudo da metáfora podem ser definidos das seguintes formas:

- a) Estruturalista – há relações metafóricas (resultado da associação de sentidos);
- b) Cognitivo – a criação de novos sentidos é atribuída à metáfora;
- c) Pragmático – há implicatura conversacional (o sentido depende do significado atribuído pelo falante ao contexto);
- d) Discursivo crítico – estuda as metáforas como possibilidade para analisar o cotidiano do discurso.

Com o avanço dos estudos discursivos, a metáfora passou a ser muito mais que uma simples comparação e adquiriu um conceito inovador. Quanto à abordagem

cognitiva do conceito de metáfora, Lakoff e Johnson (2002, p. 45) relatam que ela se encontra diluída na vida cotidiana e pode ser detectada mais facilmente na linguagem, mas também está presente no nosso pensamento e nas nossas ações. Assim, “[n]osso sistema conceptual ordinário, em termo do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”.

Ainda sobre o sistema conceptual metafórico, os autores afirmam:

[...] ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora. Mas o nosso sistema conceptual não é algo do qual normalmente temos consciência. Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem. Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante como é esse sistema. Baseando-se, principalmente, na evidência linguística, constatamos que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. E encontramos um modo de começar a identificar em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir. (LAKOFF e JOHNSON. 2002, p. 46).

Consoante Lakoff e Johnson (2012), a metáfora é parte constituinte do sistema cognitivo humano, pois ela está também no pensamento, e não apenas na linguagem. Os autores relatam que as metáforas são encontradas no sistema conceptual que subjaz à língua, elas estão presentes no pensamento e a linguagem apenas as evidencia, possibilitando uma compreensão eficaz.

Os autores (2002, p. 46) explicam a metáfora conceptual com o trecho “*Discussão é guerra*”, afirmando que essa metáfora está presente no nosso cotidiano em diversas expressões que utilizamos de forma inconsciente. Eles exemplificam-na com alguns

textos corriqueiros que contêm expressões relacionadas ao campo semântico de guerra, abaixo algumas delas são listadas:

- a) Seus argumentos são *indefensáveis*.
- b) Ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação.
- c) Suas críticas forma direto ao *alvo*.
- d) *Destruí* sua argumentação.

Os pesquisadores justificam o entendimento do sentido metafórico da expressão “*discussão é guerra*” pela cultura em que vivemos, em que “*ganhamos ou perdemos*” uma discussão, em que entendemos a discussão como um campo de disputa com potenciais vencedores/perdedores. Afirmam que a expressão metafórica não poderá ser entendida da mesma forma se for vista em uma cultura na qual não se tem ideia de discussão como guerra.

Lakoff e Johnson (2002, 2012), como já introduzido anteriormente, classificam as metáforas conceptuais em três tipos: *orientacionais* (construções que se relacionam à orientação espacial), *ontológicas* (construções que se referem às experiências com objetos físicos) e *estruturais* (construções que estruturam metaforicamente um conceito abstrato por meio de outro conceito, que é concreto). A seguir, detalhamos e exemplificamos cada um desses tipos sugeridos conforme propõem os autores.

As metáforas *orientacionais* organizam um sistema de conceitos em relação a outro. De acordo com os estudiosos, “[a]s metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, *Feliz é para cima*. O fato de o conceito *feliz* ser orientado *para cima* leva a expressões como ‘Estou me sentindo para cima hoje’” (2002, p. 59). Como as demais metáforas, as orientacionais podem variar de uma cultura para outra. Assim, considerando o sentido conhecido e usado por determinadas sociedades, elas são utilizadas pelos falantes/escritores de acordo com suas experiências físicas e culturais (o que será evidência no segundo texto por nós analisado).

Lakoff e Johnson (2012) apontam para o fato de o ser humano ser uma entidade limitada por uma superfície, uma entidade discreta. Eles seguem afirmando que nossa compreensão acerca de nós mesmos como entidades discretas nos permite impor limites artificiais em locais em que não há contornos bem definidos.

Dessa forma, ao compreendermos certas experiências como objetos ou substâncias, somos capazes de nos referir a elas, categorizá-las, agrupá-las, quantificá-las e raciocinar acerca delas de forma mais objetiva e racional. Nesse sentido, somos capazes de conceber certos eventos, atividades, emoções e ideias como entidades e substâncias. Logo, as metáforas *ontológicas* nos permitem racionalizar nossas experiências. Um exemplo é a ideia da “subida de preço”, que pode ser vista metaforicamente por meio de uma entidade chamada inflação, que mede e quantifica essa subida abstrata e a transforma em dados racionais que podem ser usados para mensurar e para tornar concreto um conceito abstrato.

Por exemplo, quando construímos uma sentença como “a inflação está abaixando o nosso nível de vida”, consoante os pesquisadores (2012), estamos representando a inflação como uma entidade, e, ao fazer isso, podemos quantificá-la, torná-la concreta, vê-la como causa para fatos etc. Desse modo, a “subida de preços”, muitas vezes, não pode ser entendida racionalmente, mas a inflação sim, pois está atrelada a índices, a comportamentos financeiros de mercado e a outros elementos que podem ser analisados de forma clara e objetiva.

As metáforas *estruturais*, por sua vez, permitem-nos utilizar um conceito bem estruturado e claramente delineado para estruturar outro. Como exemplo, podemos tomar a sentença: “O trabalho é um recurso e o tempo é um recurso”. Conforme Lakoff e Johnson (2012), nesse exemplo, as duas metáforas presentes se baseiam culturalmente em experiências com recursos materiais. Isso nos permite medi-los, concebê-los como algo progressivo e lhes designar valores monetários.

Os pesquisadores (2002, p. 358) postulam ainda que a metáfora é como os nossos cinco sentidos “[...] como ver, ou tocar, ou ouvir, o que significa que nós só percebemos e

experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto”. É como se percebêssemos essas construções presentes nos textos inconscientemente assim como, automaticamente, usamos os cinco sentidos; a linguagem – verbal ou não verbal – apenas explicitaria as expressões metafóricas identificadas pelo nosso inconsciente.

Com toda essa mudança no paradigma conceitual de compreensão das metáforas iniciado a partir dos pressupostos apresentados e detalhados pelos autores, percebemos que não podemos mais estudá-las tomando como referência apenas o texto verbal. Temos de voltar o nosso olhar analítico (seja o de professoras ou o de pesquisadoras) para estudá-las e compreendê-las também em textos não verbais e em textos multimodais. Nesse sentido, complementando o posicionamento de Lakoff e Johnson (2012), Trajano (2012, p. 3) afirma que “[o] conceito de metáfora é um conceito multimodal e pode ser aplicado também aos modos semióticos além da linguagem verbal (...)”.

Pensado em seu uso em textos não monomodais, as metáforas fazem parte do cotidiano linguístico de diversos meios; assim, quando são encontradas em textos multimodais ou até em textos apenas imagéticos, são chamadas de metáforas visuais. Vieira (2010, p. 54), do ponto de vista da Análise de Discurso Crítica, explica que “[a]s metáforas visuais participam de qualidades simples por meio da representação dos objetos. A definição dessas metáforas é constituída por similaridade na aparência.” A autora afirma que as imagens representam objetos por apresentarem similaridades apoiadas em qualidades específicas.

Antes de detalhar como se estruturam as metáforas visuais, consideramos pertinente e necessário definir textos multimodais.

3 Textos multimodais: alguns conceitos

A comunicação, por meio de textos, vem sendo atualizada conforme ocorrem as mudanças sociais. Essas mudanças abriram espaço para novas modalidades textuais, modificando a produção e a recepção textual de acordo com as práticas sociais, discursivas e linguísticas presentes em cada sociedade. Nesse cenário em que convivemos com novas formas de comunicação, os textos assumem novos formatos: mais concisos, mais dinâmicos, mais híbridos.

Assim, temos convivido, cada vez mais, com textos que aliam multissemioses para a construção de seus sentidos, com isso precisamos desenvolver habilidades tanto para a produção quanto para a recepção/compreensão de textos multimodais. Ao abordar o conceito de multimodalidade textual, Vieira (2007, p. 25) afirma que:

Diante da nova configuração textual, não podemos fugir de questionamentos como o porquê de as representações visuais serem extremamente fortes a ponto de levar o leitor a acreditar que está tendo acesso direto ao mundo real, fato que talvez justifique a preferência atual à informação imagética. Ademais, quando um sujeito compõe um texto multimodal, preferencialmente com imagens, pode estar em busca da preservação de lembranças ou do registro de algum acontecimento. Também acredita estar contribuindo com o outro do discurso, cuja compreensão textual será mais rápida diante das imagens, pois uma das características do gênero humano é o elevado desenvolvimento das artes visuais, cujo resultado é uma sociedade visual.

Com a multimodalidade, os mesmos significados podem ser expressos de diferentes modos semióticos, o que possibilita maior compreensão da informação passada. Sobre esses meios semióticos inovadores, Vieira (2007, p. 29) relata que: “(...) podemos ler ou não os textos escritos, mas é difícil escaparmos da sedução dos textos imagéticos, manifestada pelo tamanho da imagem, pelo movimento, pela cor e pela beleza”. A imagem chama a atenção do leitor, e, realmente, “passar os olhos” por uma

imagem sem observá-la é quase impossível, esse fato pode tornar os textos multimodais mais atrativos ao leitor.

Trajano (2013, p. 35) complementa que: “[e]m um texto multimodal, as imagens carregam significados específicos, e as palavras carregam outros. Elas não são completamente unidas nem inteiramente opostas”. Assim, as imagens passam a fazer parte dos textos, não apenas com valor ilustrativo, mas compondo sua parte discursiva e seu(s) sentido(s). Nessa mesma linha de raciocínio, percebemos que, conforme a sociedade muda, novos recursos semióticos surgem ou são adaptados às novas necessidades, acompanhando a inovação da comunicação. Sobre essas possibilidades adaptativas, a autora relata:

[...] a multimodalidade é construída na pressuposição de que os significados formados de recursos semióticos multimodais são sociais, assim como a linguagem verbal. Eles são moldados por normas e regras operantes no momento da produção de sentido, influenciados por motivações e interesses de um produtor em um contexto específico. (TRAJANO, 2012, p. 3).

Quanto à comunicação multimodal, Kress e van Leeuwen (2001) afirmam que deve ser baseada não somente nos modos semióticos, mas na análise das especificidades e dos traços comuns dos aspectos sociais dos modos semióticos. Eles relatam que a comunicação depende da “comunidade interpretativa” e de quais aspectos são articulados para serem interpretados. Os autores (2001, p. 36) asseveram ainda que “[t]oda ação social é semiótica e toda ação semiótica é social”. A ação semiótica é uma ação real, um trabalho. O trabalho transforma o que é trabalhado, já a ação muda tanto o ator quanto o ambiente no qual e com o qual ele atua.

Sobre a inclusão de outras semioses ao termo discurso, van Leeuwen (2005) acredita que os recursos semióticos não se restringem à fala e/ou à escrita, pois são diretamente articulados com os diferentes significados sociais e culturais. Ferraz (2005, p. 30), concordando com van Leeuwen (2005), complementa esse posicionamento ao

postular que, em muitos casos, a inclusão semiótica tem o propósito de evidenciar a ligação das práticas discursivas com as estruturas sociais, políticas e econômicas, por meio de uma análise que atenda tanto a estrutura interna quanto a organização global dos textos. Ao ler um texto, de acordo com as ideias da autora supracitada, é preciso que se leve em consideração tanto as modalidades presentes nele como a história da sociedade que o produziu.

Concluído esse breve levantamento sobre os conceitos de metáforas e sobre os textos multimodais, passamos ao conceito de metáforas visuais para, em seguida, chegar à análise dos textos selecionados.

4 Das metáforas visuais

A gramática visual, para Kress e van Leeuwen (1996), descreve como cada elemento (pessoa, lugar ou objeto) é demonstrado visualmente em textos, assim como qual é a complexidade e a extensão da declaração visual desses elementos. Nessa perspectiva de estudo e de análise, a imagem não é simplesmente um ícone do texto, ela faz parte do texto, ela é texto.

Sobre a gramática do *design* visual, Vieira e Ferraz (2011, p. 13) complementam que o propósito “(...) é focalizar o processo de produção sógnica, compreendido como uma ação social realizada em determinado uso e contexto, em que o interesse do produtor do signo determina a forma de representação”. Assim, o significado pretendido é expresso pelo modo mais apropriado de semiose. A comunicação escrita pode ser realizada com diferentes meios semióticos e, dependendo da informação que se deseja passar, um meio será mais adequado que o outro, cabendo ao produtor textual adequar o meio às suas intenções.

Ainda sobre a comunicação visual, Vieira e Ferraz (2011, p. 22) completam: “[...] dar lugar à imagem no âmbito dos estudos linguísticos é um caminho que auxilia a desvelar os fenômenos da linguagem”. Em certas ocasiões, para as autoras, a

comunicação não verbal pode ser mais chamativa e até mais eficaz que a verbal, já que uma imagem informativa, por exemplo, de um crime bárbaro pode chamar mais atenção que a descrição verbal do mesmo crime.

Com o amplo protagonismo das imagens nas práticas discursivas, abre-se o espaço para o estudo da presença de metáforas visuais em textos diversos, mas focaremos nosso estudo nos textos multimodais. Nesse sentido, estamos partido do pressuposto que as metáforas visuais são produzidas a partir da cultura e da prática social de cada povo. Para explicar como esse fenômeno se configura, Vieira (2007, p. 15) relata que “[a]s culturas produzem imagens próprias e, sob esse enfoque apenas, é que podemos interpretá-las”. A autora afirma que cada nação constrói suas próprias imagens afirmativas ou negativas de acordo com a cultura e a história do país. Assim, cada povo tem suas imagens culturais e suas metáforas.

Sobre a construção das metáforas visuais, Vieira (2010, p. 54) explica que “(...) as metáforas visuais, por seu caráter representativo do signo, traçam paralelismo com algo diferente. (...) Em resumo, podemos afirmar que a metáfora visual é uma similaridade na aparência.” A autora também defende a ideia de que as imagens representam caráter simbólico, construído em cada cultura ou sociedade. Logo, “(...) há, obrigatoriamente, a presença de imagem no símbolo, pois, sem a presença da imagem, esse ente simbólico não terá como construir significado” (VIEIRA, 2010, p. 54). Dessa forma, quando se afirma que o Brasil é o país do futebol, por exemplo, mesmo sem uma imagem, está-se construindo uma metáfora visual sobre o país; construção simbólica e metafórica que adquire sentido graças ao contexto social e cultural que a envolve.

Barroso (s/d), ao tratar sobre o poder das metáforas visuais, argumenta que a metáfora visual advém da tradução de uma ideia em uma imagem e pode acontecer sob a forma de objetos, animais, paisagens, atividades, cores ou personagens. Um exemplo citado pelo autor é a associação de imagens à ideia de velocidade, que pode ser representada por um carro desportivo, uma chita, uma prova de cem metros de corrida ou um relâmpago. Como dispomos de um leque alargado de imagens que traduzem a

mensagem pretendida, escolhemos aquela(s) que melhor transmite(m) a ideia verbal inicial.

O autor complementa a ideia sobre metáforas visuais no contexto jornalístico e esses conceitos são bem proveitosos para a análise a ser desenvolvida no próximo tópico. Barroso (s/d), indo ao encontro de algumas das ideias já aqui apresentadas e tomando como base os trabalhos de Vieira (2010) e de Vieira e Ferraz (2011), explica que, para o uso das metáforas visuais, deve-se levar em conta o contexto; a envolvente cultural e social; e a facilidade de interpretação.

Concluída essa apresentação teórica dos conceitos que norteiam este trabalho, passamos à apresentação e à análise de textos multimodais selecionados do Caderno de Códigos e Linguagens de provas do Enem de 2013 e 2014.

Antes, importa destacar que esta pesquisa tem natureza qualitativa e que a seleção do *corpus* a ser analisado partiu da observação das provas aplicadas no Enem em 2013 e 2014. Este estudo é parte de um projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade de Brasília, que tem como foco uma análise longitudinal do emprego de textos multimodais nas provas do Enem e se insere em projeto maior intitulado: *Texto: leitura, compreensão, produção e avaliação*. Dentro desse universo, recortamos o uso de metáforas visuais em textos multimodais como uma das faces da pesquisa. As avaliações de 2013 e 2014 foram selecionadas tendo em vista serem mais recentes. A análise do *corpus* terá como base as categorias de metáforas propostas por Lakoff e Johnson (2012), a saber: *orientacionais, estruturais e ontológicas* e, como pano de fundo, associamos essas categorias ao viés crítico da ADC.

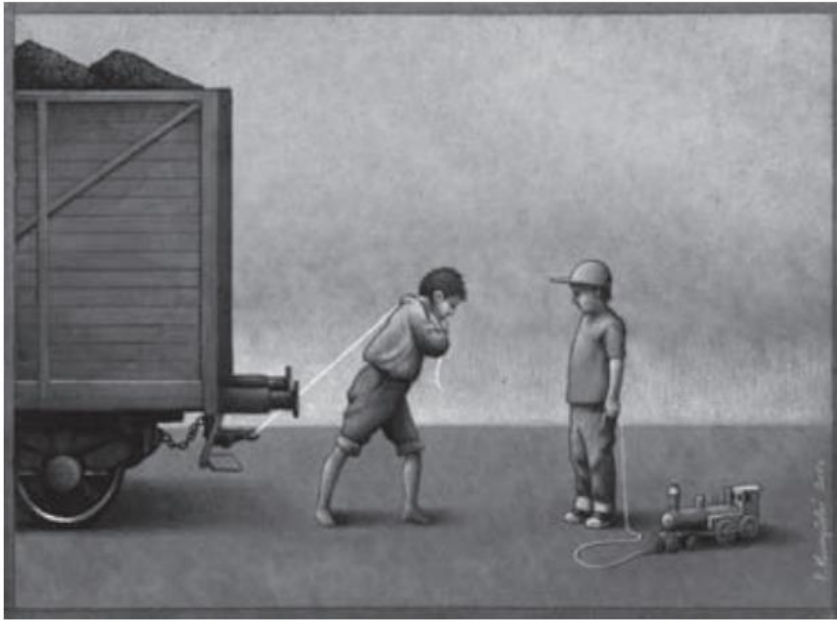
Voltemos, então, nosso olhar aos textos eleitos.

5 Metáforas visuais em provas do Enem

A seguir analisamos, à luz da ADC (em especial dos trabalhos de Vieira (2010) e de Vieira e Ferraz (2007)) e da teoria de Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (2012),

textos multimodais selecionados de duas edições de provas do Enem. O primeiro, retirado da prova do Enem 2013, estrutura-se na linguagem não verbal e, a partir dela, constitui uma metáfora visual para abordar, de forma crítica, um problema social presente em nosso contexto: a exploração do trabalho infantil.

Texto 1 – Prova do Enem de 2013.



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-anteriores/provas-e-gabaritos>.
Acesso em: 05 de junho de 2015 às 20h.

O texto 1 compõe a prova aplicada no segundo dia na edição de 2013, pertence à questão número 102 e avalia a capacidade de o respondente do exame relacionar o texto acima (criado pelo artista plástico polonês Pawla Kuczynski) com uma reflexão sobre a realidade social que o cerca. Nesse primeiro texto, observamos que a metáfora visual se constrói a partir de dois elementos: o ideal de infância representado pela criança que brinca com um trenzinho e a dura realidade do trabalho infantil, criticada pelo texto e representada pela criança que trabalha. A metáfora é perceptível quando se observa que as duas crianças estão com uma corda nas mãos: uma puxando uma carga que simboliza o trabalho infantil, e a outra puxando um brinquedo que simboliza a infância. Assim, ao

retomar uma imagem que faz parte do nosso sistema conceptual e que faz sentido em nosso contexto social e histórico, o texto 1 constrói a mensagem metafórica que é recebida e pode ser (com maior ou menor facilidade) apreendida pelo leitor.

De outro ponto de vista, podemos afirmar que a metáfora visual se constrói também com base na similaridade que se fundamenta na aparência (VIEIRA, 2010), visto que o objeto lúdico se configura similarmente ao elemento de trabalho.

Consideramos que o texto 1 apresenta uma metáfora *ontológica*, que tem como estratégia elaborar uma mensagem com base em experiências desenvolvidas com objetos físicos (no caso, o trem que representa o brinquedo em oposição ao trem que simboliza o trabalho). Com isso, a partir da ideia culturalmente aceita de que crianças têm direito a brincadeiras como elemento de sua formação como sujeitos, e com o uso do brinquedo para representar esse direito, tomamos a ausência do objeto brinquedo em oposição à presença do instrumento de trabalho (na imagem, puxado com grande esforço pela criança) como metáfora para a exploração do trabalho infantil. Essa metáfora chama a atenção porque, embora todos em nossa sociedade saibam que é crime a exploração do trabalho infantil, a oposição entre o direito – brincar – e o dever, imposto a muitos na forma de trabalho, choca quando apresentada de forma a evidenciar a oposição existente entre as duas realidades.

Essa oposição fica clara na (des)proporção entre o tamanho do brinquedo e da ferramenta de trabalho e até mesmo na postura das duas crianças: a que trabalha é representada inclinada para frente, posição que ressalta o esforço físico necessário a uma criança quando, muitas vezes, precisa desempenhar tarefas que requerem a força e o preparo físico de um adulto. De outra ótica, esse texto também desconstrói a ideia, ainda comum em muitos lugares do Brasil, de que o trabalho infantil é um “mal necessário” devido à situação de penúria que atinge parte da população. Esse argumento é utilizado, com frequência, para justificar a exploração.

O segundo texto a ser analisado, também selecionado da prova do Enem de 2013, assim como o primeiro, foi utilizado no caderno de Códigos e Linguagens, na questão

número 125. Nela, o respondente do exame deve evidenciar que compreende os usos contemporâneos das novas tecnologias da informação e da comunicação e, com base no texto apresentado na questão, ser capaz de apontar a ironia como recurso argumentativo usado pelo produtor do texto para criticar comportamentos sociais vigentes em tempos de redes sociais. O texto 2 é multimodal, composto de linguagem verbal e não verbal. Nele temos um exemplo claro de metáfora *orientacional*. Esse tipo de metáfora estrutura-se com base em elementos relacionados à orientação espacial. O texto selecionado para análise é claramente estruturado em dois conceitos: ideal (em cima) e real (embaixo).

Texto 2 - Prova do Enem de 2013



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos>.
Acesso em: 05 de junho de 2015 às 20h.

De forma irônica (o que talvez inicialmente se compreenda como intenção de despertar o riso no leitor/receptor), o texto 2 satiriza as relações estabelecidas no mundo virtual, nas quais os ideais socialmente estabelecidos e valorizados – mostrados nos balões de cima (beleza, cultura e coragem) – são apresentados de forma ilusória; e, em contrapartida, a realidade – muitas vezes, desvalorizada ou não aceita – é apresentada como a verdade escondida por trás do anonimato da tela do computador.

Nesse sentido, o real e o ideal mostram-se e são construídos como contraditórios e até mesmo opostos – em cima *versus* embaixo, ideal *versus* real, objeto de desejo *versus* realidade alcançada – uma vez que as imagens são retratadas por textos ideais no

“mundo conectado”, em contradição com a realidade, que mostra justamente o oposto dos textos “não há preconceitos”, “não há ignorância” e “ não há covardia”.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), as metáforas orientacionais, ou seja, aquelas que se estruturam a partir da orientação espacial, servem para organizar um sistema de conceitos em relação a outro. Nesse caso, comportamentos e relacionamento pautados nas comunicações virtuais são explicados com base em sua relação com nosso contexto cultural e com o mundo real.

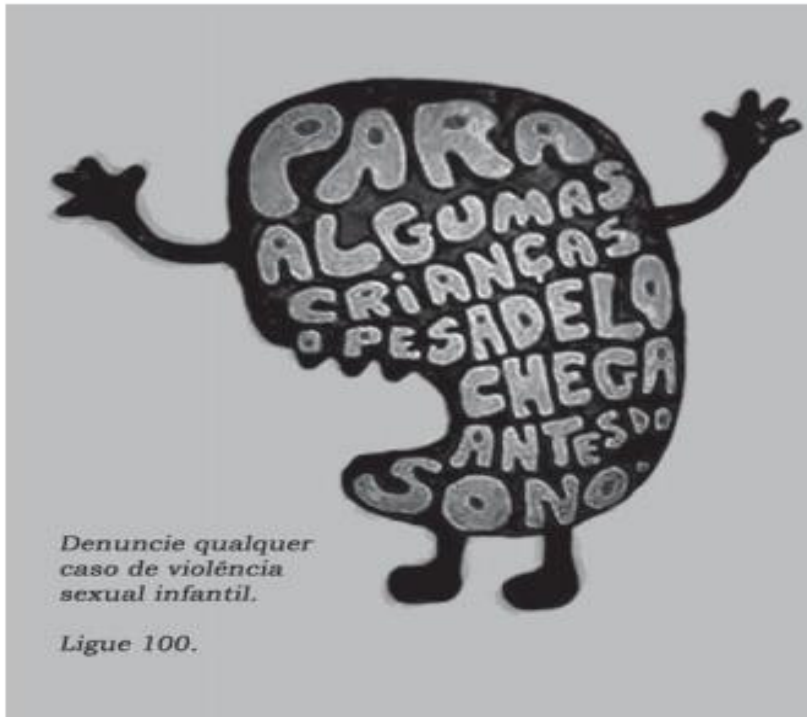
Ademais, as ideias do texto servem também para, utilizando noções de espacialidade (para cima e para baixo), evidenciar aspectos socialmente hierarquizados como positivos ou negativos. Assim, em nossa cultura, corresponder a um padrão idealizado de beleza (*ser alto e loiro*) significa ser socialmente valorizado e está *para cima* (é bom, é positivo); ser uma pessoa que tem cultura também é valorizado socialmente e infere estar *para cima*; por fim, ser uma pessoa corajosa se encaixa nos mesmos padrões.

Podemos, ainda, pensar que a disposição dos elementos no texto 2 também parece apresentar uma hierarquia dos valores almejados: socialmente ter beleza é mais admirável que ter cultura, que é mais importante que ter coragem. Pensando espacialmente com base na teoria de Lakoff e Johnson (2002), teríamos: beleza ↑↑↑; cultura ↑↑; coragem ↑. Das três qualidades apresentadas no texto a beleza é a socialmente mais valorizada (seria muito positiva, talvez por ser a mais facilmente perceptível), logo, nessa classificação estaria em primeiro lugar; a cultura seria a qualidade mediana, não tão evidente ou importante quanto a beleza, mas mais importante que a coragem; por fim, a coragem, das três possibilidades seria a menos valorizada, provavelmente, por ser de mais complexa mensuração ou percepção.

O terceiro texto por nós selecionado foi utilizado na prova do Enem 2014 e também se constitui de texto verbal e não verbal. Ele foi utilizado na questão número 117 para avaliar se o respondente é capaz de inferir que os meios de comunicação social podem ser usados como veículo para a resolução de problemas sociais, no caso a violência sexual praticada contra crianças. Nesse texto, em particular, a própria avaliação

menciona a metáfora usada pelos autores do texto para mostrar a dimensão do abuso sexual para a criança e para evidenciar a importância da denúncia contra os criminosos.

Texto 3 – Prova do Enem de 2014



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 05 de junho de 2015 às 20h.

No texto 3, verifica-se que a imagem a que o produtor do texto deseja dar destaque se encontra no centro, o que a evidencia como elemento mais saliente (mais proeminente) do texto. Nossa leitura nos leva a crer que a imagem representa o bicho papão do imaginário infantil. A metáfora está no próprio uso desse ser imaginário – “bicho papão”, temido pelas crianças, como elemento central do texto que carrega dentro de si o próprio texto, mas, nesse caso, o “bicho papão” é a representação metafórica de um mal real: a violência sexual. Esse fato é corroborado pela frase escrita no interior do monstro: "Para algumas crianças, o pesadelo chega antes do sono".

Assim, temos que o termo "pesadelo" remete ao medo do monstro, o que é reforçado pela imagem, e retoma a ideia – culturalmente construída – de que crianças pequenas sonham (com) e temem monstros imaginários. No entanto, ao construir essa mensagem, metaforicamente, a propaganda chama a atenção para o fato de que o pesadelo de muitas crianças pode ser (ou tornar-se) real. Nesse exemplo, temos a metáfora verbal – violência sexual representada como pesadelo – e também a metáfora visual – violência sexual representada como bicho-papão.

Esse texto coaduna-se com a afirmação de Kress e de van Leeuwen (1996) sobre a comunicação verbal ou por meio de imagens, visto que os autores asseveram que alguns significados, como o do texto 3, podem ser expressos verbalmente e visualmente. No caso, as modalidades verbal e visual foram alinhadas para construir sentido e compor a mensagem.

Com relação às metáforas conceituais, consideramos a ocorrência de uma metáfora *estrutural* no texto 3, pois há um conceito bem conhecido (medo de criaturas imaginárias, aqui representadas pelo monstro) para delinear outro (violência sexual). A metáfora estrutural é aquela que aborda um conceito abstrato a partir de outro conceito considerado mais concreto. O medo do bicho papão, que, embora abstrato, faz parte do universo de conhecimento infantil, é utilizado para dar forma mais concreta à violência sexual contra crianças.

O quarto e último exemplo, composto de texto verbal e visual retirado da prova do Enem 2013, ilustra o uso da metáfora visual na publicidade e na propaganda.

O texto quatro, da prova de 2013, compõe a proposta de redação a ser desenvolvida pelas respondentes naquele ano. Juntamente com dois textos verbais (um sobre o objetivo da lei seca e outro sobre relações entre bebida e direção) e mais um texto multimodal (gráfico sobre a lei seca em números), ele motiva o participante do teste a escrever uma redação dissertativa-argumentativa sobre o tema: “Efeitos da implantação da lei seca no Brasil”.

Texto 4 – Prova do Enem de 2013.



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos>.
Acesso em: 05 de junho de 2015 às 20h.

No texto 4, o item com maior destaque localiza-se à esquerda, o copo de cerveja, e sua importância é ressaltada por seu tamanho desproporcional em relação ao tamanho do veículo. A metáfora visual – o uso de álcool como elemento desencadeador de acidentes de trânsito, em que o copo de bebida passa a se configurar como o obstáculo propriamente dito – foi complementada pelo texto verbal: “Não deixe a bebida mudar o seu destino” e pelo carro batido no próprio copo.

A explicação para essa metáfora visual está em um elemento de tamanho pequeno (um copo), mas que, cheio de cerveja e associado ao ato de dirigir (no contexto), pode configurar-se como um problema muito grande, pode ser a causa da mudança do “destino”.

Essa metáfora visual se complementa ainda no texto que aparece em letra menor – “Dirigir alcoolizado é crime e pode dar cadeia” – que remete às consequências da

associação entre ingestão de álcool e direção. Nesse caso, os produtores do texto, conscientemente ou não, elegem estratégias cognitivas para construir o sentido do texto: baseiam-se no pressuposto de que as metáforas representam e estruturam a linguagem cotidiana, formando uma rede complexa e interrelacionada que pode ser percebida em criações novas e antigas construções textuais (LAKOFF E JOHNSON, 2012).

Novamente, acreditamos que o texto 4 recorre a uma metáfora *estrutural* para, com base na ideia culturalmente aceita e estabelecida de que acidentes de carro são perigosos e causam muitas mortes, associá-la ao ato de dirigir após uso de álcool. Nesse caso, o copo de bebida toma uma nova proporção para que o receptor do texto compreenda o quanto essa associação (álcool e direção) pode ser ameaçadora e pode gerar prejuízos, muitas vezes, irreparáveis.

Concluída a análise dos textos selecionados com base nos fundamentos teóricos elencados anteriormente, passamos a apresentar algumas conclusões decorrentes de nossa compreensão do fenômeno aqui abordado.

6 Algumas considerações...

Com as incursões teóricas apresentadas, foi possível compreender que, para estudar e compreender as metáforas visuais, é primordial o entendimento do contexto em que elas estão inseridas, pois, como relatam Vieira e Ferraz (2010, p. 53), “[...] o sentido da metáfora reside na relação de implicatura conversacional. O sentido da metáfora depende, então, do significado atribuído pelo falante ao contexto, ou seja, depende de situações pragmáticas”.

Quanto à importância da imagem no texto, a análise nos leva a crer que as imagens, em muitos casos, assumiram posição central na comunicação, pois deixaram de ser apenas um ícone para ser parte do texto ou o próprio texto, assim como afirma Vieira (2010, p. 54): “[...] o contexto não precisa ser obrigatoriamente verbal. Imagens podem abrigar outras imagens, funcionando elas mesmas como contextos de outras imagens”.

Na análise de dados, concluímos que a escolha da imagem e sua associação com o texto escrito está intrinsecamente ligada à mensagem que se deseja construir e também à opção por construir esse sentido recorrendo a múltiplas semioses. Com as contribuições de Lakoff e Johnson (2012), observamos que a metáfora formada em cada texto está vinculada à imagem que temos no nosso sistema conceptual sobre cada figura ou vocábulo apresentados.

Desejamos chamar a atenção para o fato de que os textos multimodais por nós selecionados, assim como outros que compõem as provas do Enem, abordam temas altamente relevantes para a sociedade e, em especial, para o público majoritário da prova: jovens alunos concluintes do Ensino Médio, ainda em fase de formação de sua consciência crítica. Por isso, consideramos relevante mencionar esse aspecto como elemento revelador do cuidado na escolha dos textos e das temáticas que são utilizados nas provas.

Além disso, precisamos ainda ponderar que as provas do Enem, considerando os textos aqui analisados e sua composição geral, têm requerido dos alunos habilidades de leitura que extrapolam a compreensão do texto verbal. Charges, mapas, gráficos, cartazes requerem habilidades de compreensão do texto visual e, em especial, do texto multimodal. Por isso, editoras (responsáveis pela publicação de livros didáticos) escolas e professores devem voltar sua atenção para esse aspecto da formação leitora dos alunos na educação básica.

Por fim, consideramos que essa análise inicia estudos que precisam ser aprofundados para que possamos – como docentes de Língua Portuguesa – pensar em estratégias para disseminar o estudo do texto visual – seja ele metafórico ou não – a fim de, como consequência, desenvolver habilidades consolidadas de leitura e de compreensão de textos não verbais.

Referências

Azeredo, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. – São Paulo: Publifolha, 2010.

BARROSO, Bruno. *O poder das metáforas visuais*. Disponível em: <<http://www.linkedin.com/pulse/20140612142825-5996819-o-poder-das-met%C3%A1foras-visuais>>. Acesso em: 17 de junho de 2015 às 19h.

FERRAZ, Janaína de Aquino. *A formação do Brasileiro: um Enfoque Multimodal*. 2005. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2005.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. *Provas e gabaritos*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: 05 de junho de 2015 às 20h.

KRESS, G. R. e van LEEUWEN, T. *Reading Images: a Grammar of Visual Design*. Londres, 1996.

_____. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Metáforas de la vida cotidiana*. Tradução de Carmen González Marín. 9ª ed. Madrid: Cátedra, D.L., 2012.

TRAJANO, Izabella da Silva Negrão. A imagem e a sua função semiótica em discursos multimodais. *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

_____. *A Imagem como Agente de Representação Social e Ideológica no Discurso Multimodal*. 2013. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Van LEEUWEN, Theo. *Introducing social semiotic*. London; New York: Routledge, 2005.

VIEIRA, Josenia Antunes; FERRAZ, Janaina de Aquino. Percursos e avanços do texto multimodal: novas perspectivas na contemporaneidade. *Discursos Contemporâneos em Estudo*, v. 1, n.1, p. 9-23, 2011.

VIEIRA, Josenia Antunes; ROCHA, Harrison da; BOU MAROUN, Cristiane R. G.; FERRAZ, Janaína de Aquino. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 9 - 32.

_____. Afinal, existem metáforas visuais? In VIEIRA, Josenia Antunes; BENTO, André Lúcio; ORMUNDO, Joana Silva (Orgs.). *Discurso nas práticas sociais*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 51- 65.